



FAROL

ÓRGÃO DAS ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES DA ESCOLA PREPARATÓRIA NEUTEL DE ABREU DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Professores Orientadores

MÁRIO DA COSTA ARMELIM
JOSÉ FERNANDO FLORES ANDRADE
ADRIANO SIMÕES SANTO

DIRECTOR: JORGE HENRIQUE VIDAL LACERDA. REDACTORES: EDUARDO LUÍS PAQUETE NUNES, MARIA JOÃO DA GRAÇA LIMA, ANA PAULA SIMÕES LIMA.
ADMINISTRADORES: JOSÉ ANTÓNIO BARREIROS, MARIA PAULA S. SILVA MACHADO, MARIA JOSÉ ABREU NUNES

ANO I

N.º 1

DEZEMBRO DE 1969

Comp. e Impr. na «Gráfica de Coimbra»

ABERTURA



Al sair o primeiro número do «FAROL» obra de crianças do Ciclo Preparatório, que agora despertam para a vida. Não penseis encontrar nele requintes de literatura. É apenas a expressão simples do seu sentir, na linguagem própria da sua idade.

Seja, no entanto, mais um elo entre aluno-escola-família, um estímulo ao desenvolvimento das suas qualidades e, até, ao desabrochar da sua personalidade.

Por isso, unamo-nos todos e, com entusiasmo e dedicação, trabalhemos para que a este número outros se sigam cada vez mais perfeitos e em que todos colaborem.

A DIRECTORA

Em Diálogo com um Professor

Entrevista com o Sr. António Bento Martins, Professor de Trabalhos Manuais

— Gosta da actividade que desempenha dentro da Escola?

— Não será a mais talhada para mim, mas é concerteza uma actividade apaixonante. Por isso a aceitei e a executo com o maior entusiasmo.

— Gosta dos alunos?

— Os professores gostam sempre dos seus alunos, muito especialmente daqueles que se in-



teressam pela disciplina e que procuram aprender. É para o professor uma alegria ver os seus alunos progredir.

— E dentro da Iniciação Teatral?

— A pergunta está um pouco ligada à anterior. Só que nestas aulas Circum-Escolares, os alunos devem escolher e preferir as actividades para que se sentem mais talhados. Isto quer dizer que alguns, poucos talvez, que escolheram Iniciação Teatral, não reúnem as melhores condições e é, portanto, muito mais difícil o trabalho com eles.

— Se tivesse que escolher a sua actividade escolheria os Trabalhos Manuais e Desenho?

— Escolheria o desenho porque creio ser um desenhador nato e até porque me sinto mais à vontade com papéis, lápis e tintas do que com ferramentas.

— O que me diz sobre os seus colegas professores?

— Profissionalmente não me é possível nem me sinto competente para falar deles. Superficialmente, assim à vista desarmada, parece-me que o Ciclo dispõe dum corpo docente formidável. No aspecto social devo afirmar que encontrei em todos eles os melhores camaradas e

(Continua na pág. 2)



NEUTEL DE ABREU: PRESENTE!

«Cada página da sua vida é um boletim de bravura, um boletim de vitória, um atestado de beleza moral e de amor à Pátria». — Palavras de Carlos Selvagem numa sessão na Sociedade de Geografia, em Julho de 1941.

— «Sou um velho combatente das campanhas de África, mas quero afirmar que não conheço militar mais valoroso do que Neutel de Abreu». — Palavras do Almirante João Azevedo Coutinho na mesma sessão.

— «Neutel de Abreu foi o obreiro máximo da conquista, pacificação e civilização do distrito de Moçambique, hoje integrado na província do Niassa. — «República» em 27-6-1941.

Major Neutel de Abreu

— PATRONO DA NOSSA ESCOLA

O primeiro número do «Farol» acaba de sair. E com ele, uma evocação do patrono da nossa Escola Preparatória: o Major Neutel de Abreu.

O Major Neutel Martins Simões de Abreu, assim era o seu nome completo, nasceu em Várzea Redonda, aqui perto de Figueiró dos Vinhos, em 3 de Dezembro de 1871. Militar dos mais ilustres, prestou serviço em várias províncias ultramarinas mas é em Moçambique que a sua acção foi mais profunda. Foi uma das figuras mais importantes das campanhas moçambicanas contribuindo para que esta província ficasse mais portuguesa do que já era. O Major Neutel de Abreu não se limitou a pacificar os indígenas. Construindo postos militares em vários pontos da província, abrindo estradas e interessando-se pela cobertura telegráfica da sua zona, ele foi bem um verdadeiro colonizador, que passou toda a sua vida a lutar por um Portugal cada vez maior.

Possuidor das mais altas condecorações e muitos louvores, vê em 1941, na Sociedade de Geografia, ser-lhe prestada uma homenagem a que presidiu o senhor Presidente da República. Em Nam-pula, cidade que praticamente fundou, foi-lhe erigida uma estátua e é nesta cidade que, por oferta da família, estão as suas condecorações onde se destaca a Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito.

JOSÉ LACERDA — 2.º ANO B

NATAL!... NATAL!...

A PALAVRA MAIS BELA

Fui ver ao dicionário de sinónimos
A palavra mais bela, sem igual,
Perfeita como a nave dos Jerónimos...

E o dicionário disse-me: Natal.
Perguntei aos poetas que releio:
Gabriela, Régio, Goethe, Pöe, Quental,
Lorca, Olegário... e a resposta veio:
Christmas... Noël... Natividade... Natal...

Interroguei o firmamento todo!
Cobra, formiga, pássaro, chacal!
O aço em chispa, o «pipe-line», o lodo!
E a voz das coisas respondeu: Natal.

Pedi ao vento e trouxe-me, dispersos,
— Riscos de luz fragmentos de papel —
Cânticos, sinos, lágrimas e versos:
Um N, um A, um T, um A, um L...
Perguntei a mim próprio e fiquei mudo...
Qual a mais bela das palavras, qual?
Para que perguntar se tudo, tudo,
Diz Natal, diz Natal e diz Natal?!

Adolfo Simões Müller

A TODOS OS ASSINANTES E LEITORES
DESEJA BOAS-FESTAS E FELIZ NATAL

A EQUIPA DO «FAROL»



Marechal Óscar Carmona

Vai comemorar-se no ano de 1970 o centenário do nascimento do Marechal Óscar Carmona.

Dirigiu os destinos da nação num período de intensa agitação política e partidária. Após a situação política de 28 de Maio se estabilizar, o Marechal Carmona assumiu interinamente as funções de Chefe de Estado. Foi eleito Chefe de Estado efectivo em Março de 1928.

Foi um acontecimento de importância decisiva na evolução do regime político criado em consequência do movimento de 28 de Maio de 1926. O Marechal Carmona foi o único candidato e a sua escolha foi feita com grande número de votos.

Em 15 de Abril de 1928 fez-se com a maior solenidade a proclamação do Chefe do Estado no palácio do Congresso, à qual assistiram representantes diplomáticos do nosso País e outras altas individualidades. Foram palavras dum bom português as que então proferiu no seu discurso:

«Nada contribuí, com as ambições que nunca tive, para ascender a esta posição que considero bem excessiva para a pobreza dos meus méritos. Soldado, fui sempre escravo do dever e da honra. Jurando defender até à última gota do meu sangue se for preciso a Pátria e a República que hoje me são confiadas, dou por penhor do meu juramento a coerência de todas as acções da minha vida e só peço a Deus que, se algum prémio merecer a minha dedicação à causa da Pátria, me dê a felicidade de ver reconciliada em breve, numa perfeita unidade moral, toda a família portuguesa. É a minha suprema aspiração».

Durante os anos que se seguiram, a presença do general Óscar Carmona na presidência da República em consequência de sucessivas reeleições, assegurou a continuidade do regime estabelecido com o movimento militar de 28 de Maio de 1926 até ao seu falecimento em 18 de Abril de 1951.

EDUARDO PAQUETE
2.º Ano-B

Comemorações do dia da Independência de Portugal

TIVERAM muito brilho e significado as Comemorações do 1.º de Dezembro, promovidas pelo Centro de Actividades Circulo-Ecolares da Escola Preparatória do Nentel de Abreu, de Figueiró dos Vinhos.

Realizou-se, pelas 9 horas, a concentração de professores e alunos, em frente do edifício da Escola.

Ao som do Hino da Restauração, procedeu-se ao hasteamento das Bandeiras Nacional, da Mocidade Portuguesa e do Concelho.

A sessão solene, realizada no Ginásio da Escola, presidiu o sr. Dr. Henrique Lacerda, presidente da Câmara, tendo à direita a sr.ª Dr.ª Maria Marcelina Armeilim, directora da Escola e, à esquerda, o conferencista.

Após a abertura, pela directo-

ra da Escola, e apresentação de poemas pelos alunos, proferiu uma conferência o Prof. Padre Adriano Simões Santo, sobre o tema «O Dia da Mocidade». Encerrou a sessão o presidente da Câmara.

Pelas 11 horas, realizou-se no recinto de jogos desta vila, um interessante e entusiástico torneio de futebol de salão entre várias equipas da Escola Preparatória. Assistiu numerosa, animada e ruidosa assistência.

Predominava o elemento jovem.

No final, foram entregues duas artísticas taças de prata às equipas vencedoras, troféus que ficarão guardados nas respectivas turmas da Escola Preparatória.

A.

Uma carta sobre o Natal

A seguir se publica uma carta sobre o Natal, escrita no decorrer dum exercício na aula de Moral e Religião. Eis o enunciado do exercício e o teor da missiva:

— Escreve uma carta a um amigo, dizendo-lhe o que é o Natal, o que sentes nesta época, o motivo por que Jesus veio à Terra, o que esperas de Jesus e o que é que Jesus espera de ti.

Meu caro amigo Miguel
Sei que aí na tua terra não há igreja e, por isso, propuz-me explicar-te esta maravilhosa época que está próxima, que é o Natal. Pois o Natal é a época em que todos celebramos o nascimento do Menino Jesus que foi acompanhado pelos pastores e pelos Reis Magos que lhe ofe-

receram prendas e que o localizaram por meio de uma estrela — a estrela de Belém e nasceu numa gruta com esse mesmo nome. Jesus é Deus que se fez homem e teve como mãe Nossa Senhora.

O que eu espero que Jesus me dê é saúde e forças para continuar a amá-lo e para me conter contra certas coisas como a maldade, a vingança, etc.. Jesus espera que eu obedea aos meus pais, professores, etc., e que seja educado e correcto para com os amigos.

Por hoje mais nada, meu caro Miguel. Recebe o mais sincero abraço deste sempre teu amigo:

Manuel Martins da Silva
(1.º Ano — Turma B)

Encontro com o Pároco de Vila Facaia

Procurámos o sr. Prior de Vila Facaia, Padre Américo, a fim de o entrevistarmos. Pessoa afável, respondeu amavelmente às nossas perguntas:

— Há quantos anos é sacerdote?

— Há 45 anos.

— Quantos anos tem?

— Tenho 67 anos.

— Já esteve em muitas freguesias?

— Em várias.

— Nas que esteve qual gostou mais?

— Gostei de todas.

— Que pensa do povo de Vila Facaia?

— Não tenho razão para dizer mal dele. Não sou de cá natural, embora pertença a Vila Facaia por adopção.

— Gosta de estar cá ou gostaria de estar noutra freguesia?

— Gosto de estar cá!

— Gostaria que Vila Facaia estivesse mais adiantada?

— Sim, gostaria.

— Gosta de danças modernas?

— Não gosto de danças modernas mas sim de danças folclóricas.

— Que pensa das mini-saias?

— Não gosto de ver senhoras com mini-saia.

— Como é que lhe nasceu a vocação de ser sacerdote? Está arrependido?

— Nasceu-me a vocação de ir para padre dum grande desejo que tive de servir a Deus e levar Deus aos outros.

De forma nenhuma estou arrependido e cada vez sinto mais desejo de afirmar a minha vocação.

Amália dos Santos Serra
Idália Antunes Rosa
(2.º Ano — Turma A)

Gabinete de Formação Moral e Religiosa

Aos Srs. Encarregados de Educação, Pais e Alunos

Mais um ano lectivo se iniciou recentemente. Mais um ano de trabalhos na educação e promoção de toda a juventude que se quer afirmar uma presença viva no futuro.

A Escola Preparatória Neutel de Abreu, de Figueiró dos Vinhos, pretende ser mais um elemento de amparo e ajuda nessa desejada promoção não só no campo da instrução como, também, no da Educação. Por isso, a par do esforço comum de todos os professores, existe o trabalho do gabinete de Formação Moral e Religiosa no âmbito das actividades da Mocidade Portuguesa.

Através dele os professores de Religião e Moral procurarão um encontro amigo com os alunos, seus pais e encarregados de educação no sentido de realizarem um serviço de

Marcos da Nossa Escola

Esta será uma secção que desejamos venha a ser assídua no «Farol». Com os olhos postos no futuro, aqui deixaremos as datas mais importantes relativas à vida da nossa Escola Preparatória. Assim, em:

★ 4 de Setembro de 1969 é criada a Escola Preparatória Neutel de Abreu. Dia grande para Figueiró. Mais um dia grande para o sr. Dr. Henrique Vaz Lacerda, ilustre Presidente da Câmara, e a cujo espírito de iniciativa se ficou a dever a criação do Ciclo Preparatório. O «Farol» aproveita a oportunidade, para em nome de todos, agradecer ao sr. Presidente, todos os esforços que desenvolveu para que o Ciclo viesse a ser uma realidade. Bem haja!

★ 2 de Outubro — É dada a primeira aula na nossa Escola. O Ciclo está lançado. Uma frequência de cerca de 180 alunos

faz antever um futuro auspicioso.

★ 14 de Novembro — Visitamos o sr. Inspector Dr. Gil Loureiro, que orientou uma sessão de trabalho com os professores.

★ 20 de Novembro — A nossa Directora e o sr. Presidente da Câmara deslocaram-se a Lisboa a fim de convidar o sr. Dr. Teixeira de Matos, nosso ilustre Director de Serviços a assistir a uma sessão de homenagem em memória de Neutel de Abreu, nosso patrono.

★ 22 de Novembro — Professores e alunos, participaram num «magusto» em que o espírito de boa disposição e sã convivência foram notas dominantes.

★ 1 de Dezembro — A Escola Preparatória associa-se às comemorações deste dia e a que o «Farol» se refere mais pormenorizadamente noutra local.

Em Diálogo com um Professor

(Continuado da pág. 1)

amigos e que todos constituem um bloco de trabalho em equipa, tanto entre eles como entre os alunos e seus pais. Numa palavra: verdadeira equipa de elite.

— Qual é a sua opinião sobre a orientação do ensino no Ciclo?

— A minha opinião não conta. Manda quem pode, e obedece quem deve. No entanto, parece-me que desta vez quem manda, mandou estupendamente e quem obedece fá-lo com muito mais interesse e entusiasmo porque tudo aparece com horizontes rasgados e projectados para o futuro.

— O que acha sobre estas viagens à Lua?

— Sou por natureza um poeta e um sonhador e essas viagens

parecem-me um sonho, uma ficção. Habitados como estamos às coisas práticas, já não encontro termos para as classificar dentro de mim. Penso apenas que o mundo deveria parar um pouco para pensar, meditar na imensa grandeza que Deus pôs no homem.

— Diga o que pensa a meu respeito, mas com sinceridade, por lhe ter vindo fazer esta entrevista?

— Penso que demonstraste pormenores de gente crescida em matéria de jornalismo. Admirei a delicadeza no pedido e a descontracção a entrevistar. Oxalá possas cultivar pela vida fora estas duas excepcionais qualidades. Muito Bem!

Maria João da Graça Lima
(2.º Ano — Turma A)

Para a Posteridade

Neste primeiro ano de vida parece-nos bom deixar aqui gravado os nomes dos Professores da nossa Escola. São eles:

I Grupo:
Mário da Costa Armelino
José Fernando Flores Andrade

II Grupo:
Maria Edite M. Barreiros Antunes

IV Grupo:
Maria Marcelina Monteiro Armelino (nossa ilustre Directora)
Maria Albertina Vidigal Amaral Lacerda
José Oliveira Afonso

V Grupo:
Aida Maria Barreiros Cânova
Maria José Gomes Falcão G. Oliveira

M. R.:
P.º Adriano Simões Santo
P.º Manuel Ventura Pinho

T. M.:
António Bento Martins

E. M.:
Adolfina I. Godinho e Silva

E. F.:
Isilda da Costa do Nascimento Lagos
Luís Quaresma F. Trancoso

26 de Novembro de 1969

P.º Adriano Simões Santo
P.º Manuel Ventura Pinho

OS HOMENS CHEGARAM À LUA



ESTE foi o grande acontecimento do passado mês de Novembro. Todo o Mundo viveu intensamente o feito que ficará a marcar na História do Progresso e da Ciência. Pois os alunos da Escola Preparatória Neutel de Abreu não ficaram alheios ao facto.

Publicaram-se 3 jornais de parede com os títulos «A Cápsula» (2.º Ano A), «Apolo 12» (2.º Ano B) e «Foguetão» (1.º Ano A). A seguir se apresentam alguns excertos dos citados jornais.

A «APOLO 12»

Este dia 14 de Novembro, data em que a «Apolo 12» levantará voo, é um dia em que toda a gente anda em sobressalto.

Os tripulantes que vão na nave são 3 e chamam-se Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean.

A primeira vez que os astronautas alunaram foram bem sucedidos e trouxeram de lá muitas fotografias e algumas mostras do solo lunar.

Tereza Gameiro
(2.º Ano-A)

A PRIMEIRA VIAGEM À LUA

Durante oito dias três americanos — Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins — voaram a bordo da Apolo 11 à Lua e regressaram à Terra.

Foi uma viagem de 325 milhões de quilómetros que teve o seu momento culminante quando dois dos astronautas pisaram o solo lunar, um feito que é marco da nossa era da Humanidade. Muitos milhares de cientistas trabalharam nesse projecto. Armstrong, Aldrin e Collins serão, por isso, os representantes e os símbolos de uma gigantesca equipa, de um magnífico exército que realizou um quase milagre.

Maria José Nunes
(2.º Ano A)

A LUA

A Lua é um satélite da Terra porque gira directamente em torno dela.

Tem diferentes aspectos que são as fases: Lua Nova, Quarto Crescente, Lua Cheia e Quarto Minguante.

O tempo decorrido entre duas fases iguais chama-se lunação. É vulgar ouvir-se dizer que a lua é mentirosa pois que no Quarto Crescente se assemelha à letra D (diminuir) e no Quarto Minguante à letra C (crescer).

Podem dar-se eclipses na fase da lua cheia e na fase da lua nova.

Manuela Arinto
(2.º Ano A)

A MAIOR AVENTURA DO HOMEM

A lua foi pisada pelo homem, pela primeira vez, em 20 de Julho de 1969.

O foguetão Saturno V levou-os até às proximidades da lua. Depois dois astronautas passaram para uma espécie de aranha que se chama módulo lunar e que os levou até ao seio da Lua. O outro astronauta ficou a pilotar o módulo do comando.

A «Apolo 12» que vai ser lançada no dia 14 de Novembro levará três homens também com destino à Lua. À semelhança do que aconteceu com a «Apolo 11» ficará um a pilotar o módulo de comando e os outros dois vão para a Lua.

A Lua assemelha-se a um deserto. Não tem água nem vida.

Julga-se que a Lua tenha mais de 4 biliões de anos e que nunca tenha conhecido vida.

Eduardo Paquete
(2.º Ano B)

VIAGENS NO ESPAÇO

O que já andou mais horas no Espaço foi Charles Conrad que, juntamente com Cooper deu 120 voltas à Terra, a bordo da «Gemine V», no dia 21 de Agosto de 1965.

Também já fez um voo a bordo da Gemine XI» juntamente com Richard Gordon que fez parte da «Apolo XII».

Alan Bean é o primeiro voo que faz em cápsulas.

Jorge Lacerda
(2.º Ano B)

ENTREVISTA COM UMA SENHORA IDOSA

— Que pensa das viagens à Lua?

— Penso que eles nunca lá chegaram a ir.

— Já alguma vez ouviu falar em Courad e Bean?

— Não. Mas julgo que são aqueles homens que vão naquela coisa que se chama foguetão e que deita muito lume.

— Quando a «Apolo XI»

chegou à Lua viu esse acontecimento histórico?

— Vi, sim; mas não acredito naquilo que vi.

— Que pensa da «Apolo XII»?

— Penso que essa coisa não chega lá desta vez!

— Que diz dos técnicos do Centro Espacial donde partem os foguetões?

— Digo que são uns homens muito sabedores dessas coisas.

João do Rosário
(2.º Ano-B)

VARIEDADES

ENTRE RECÉM-CASADOS...

Acabamos de casar na Lua. Mas agora onde é que vamos passar a nossa «Terra-de-Mel?!...»

(Câmara Martins)

— :: —

A língua é alma envolvente
Da Pátria de todos nós.
Maldito quem loucamente,
Lhe mancha a pureza ardente!

PASSATEMPO

Preencha com nomes de planetas:
. A . . .
L . . .
U
. A

TALVEZ NÃO SAIBA...

...que as viagens interplanetárias originam muitos vocábulos novos! Eis alguns:

— Alunar, alunagem, lunauta, astronauta, astronave.

LINHA DE RUMO

— «...A juventude é naturalmente boa, corajosa e verdadeira. O seu lugar é do lado da verdade. E todos estamos obrigados a colaborar com ela na descoberta da verdade, dominando a impaciência que nos possam causar as agitações episódicas...»

(Do discurso proferido pelo Ministro da Educação Nacional Dr. José Hermano Saraiva, em 20 de Agosto de 1969, na inauguração da Residência Universitária Leite de Vasconcellos).

— «...Penso na urgência de articular a acção da escola com a sociedade local, dentro de planos sistemáticos de extensão cultural e de educação permanente; e com as famílias que terão de ser insistentemente informadas e reeducadas...»

— «...Ensinar é uma forma de amar. Uma das formas mais difíceis porque é daquelas em que não existe retribuição directa, em que a recompensa só se descobre no fundo e no silêncio da nossa própria alma...».

(Do discurso proferido pelo Ministro da Educação Nacional, Dr. José Hermano Saraiva, em 26 de Fevereiro de 1969, a quando do cinquentenário do Liceu Infanta D. Maria).

— «...Onde a educação tem esquecido os princípios essenciais, e isso tem acontecido infelizmente em muitos lados, nasce a anarquia e a desordem, susceptíveis de submergirem instituições, formas de viver, pessoas e bens...».

(Da «Mensagem para 1969» do Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa).

A PORTUGAL

Eu te saúdo ó nobre Portugal,
Formoso jardim de sonho e heroísmo,
Onde tudo que é planta, viça e cresce,
Desde o trigo aos palmarés africanos!...
Pequenino canteiro florescente,
De variadas flores e matizes
De que a vista se enleia e se namora!...
Joia preciosa na «cabeça da Europa toda»,
Junto ao azul do Oceano!
Castelo de granito, aonde mora
O escol varonil da nossa raça,
Desta raça que soube «dilatarse»
A fé e o Império» para além do mar...
Eu te saúdo, desde as caravelas do ilustre Gama,
Que além na linha incerta do horizonte,
Desenharam um dia a esperança nova
Das suas corajosas brancas velas!
Portugal, eu te saúdo!

A.

RECREIO

EM VALE DE TÁBUAS

Há dias vinha um moleiro a passar na Ponte de Vale de Tábuas, com dois burros à carroça.

Passa um automobilista e pergunta:
— Onde vêm vocês os três?

Diz o Moleiro:
— Fomos buscar palha para nós os quatro!

(A. José Barreiros)

TÉCNICO DE FIOS DE ANTENA

Aos estúdios da Televisão chegou uma carta registada mandada por um senhor da Província, que dizia assim:
A TV — Lisboa.

«A antena da minha televisão tem um fio muito comprido e às vezes tropeço nele.

Peço o favor de o puxarem para aí cerca de um metro.»

— Já estudaste a lição, meu filho?
— Sim, mamã.
— E estudaste muito?
— Sim, mamã. Estudei desde o tele-jornal ao Dr. Kildare.

— :: —

— Então vocês não têm televisão?
— Não. Nós já somos suficientemente imbecis.

DE BOAS CONTAS?

— É pá! Olha uma colsa: tu conheces bem o Vicente?

— Conheço, sim, pá! Ainda ontem lhe emprestei 200\$00; pois quem não conhece o Vicente?

— Ah! Então ainda não conheces bem o Vicente.

RAPAZ OU RAPARIGA?

Olhe para aquela rapariga. Vestida daquela forma e de cabelo cortado, parece mesmo um rapaz.

Reprovo inteiramente esse desaforto..

— Pois é minha filha, sabe?
— Desculpe, sim? Nunca pensei que você fosse o pai dela.

— Mas o amigo está enganado. Não sou o pai, sou a mãe.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

— Sabe o que é um dentista?
— É um indivíduo que arranca os dentes dos outros para dar que fazer aos seus.

— :: —

— O que é um segredo?
— Uma coisa que se diz a toda a gente, mas «em voz baixa para ninguém ouvir!...»



O primeiro de Dezembro e a Juventude de hoje

Nessa manhã do 1.º de Dezembro de 1640 Portugal nascia de novo. Renascia mais vigoroso e forte quando pouco faltava para sucumbir. Restituía-o à vida a firmeza inquebrantável da vontade nacional, personificada numas dezenas de fidalgos corajosos, secundada pela vibrante adesão popular. E podemos dizer que na génese de todo este grande acontecimento há, antes de tudo, uma vontade portuguesa, um sentimento português.

As grandes vitórias são sempre fruto dum nobre ideal realizado no sacrifício e num querer inquebrantável.

Há ideias que são valores a pesar na vida. Não podemos ignorá-las, não podemos ser-lhes indiferentes. A nossa condição de homens e de cidadãos impõem-nos que as sintamos.

Tal é, por exemplo, a ideia de Pátria.

Num recente artigo inserto no «Diário Popular» (25-11-69), o conhecido escritor António Quadros — que há menos de um ano Figueiró dos Vinhos teve a honra de apreciar, em conferência notável, na inauguração da Biblioteca Gulbenkian — analisa os conceitos afins de nação e de pátria.

«Enquanto NAÇÃO envolve uma simples ideia jurídica de fronteiras e dos nascidos num determinado território, a PÁTRIA é mais alguma coisa, é uma comunidade com uma alma viva, com características bem definidas no pensamento, na literatura, na arte, na religião, é uma comunidade em marcha com as raízes e a força do passado, a certeza do presente e a esperança do futuro.»

É nesta perspectiva que devemos sentir a realidade da Pátria em que vivemos — uma comunidade com uma alma perene — a alma dos sentimentos vivos, expressos por uma História milenária.

Os jovens de ontem como os jovens de hoje também são a Pátria. Eles são a esperança e futuro que se renova. Eles têm uma palavra a dizer na construção desta comunidade que avança. E a sua palavra será dita sobretudo pela conduta irrepreensível das suas vidas;

— pela vivência dum ideal de amor ao torrão e à comunidade a que pertencem, à pátria una e imortal; e, ainda, pelo espírito de sacrifício e de trabalho digno e vida honesta, na construção dum clima de paz, de amor e de justiça.

Perante o exemplo maravilhoso daquele punhado de jovens audazes do 1.º de Dezembro

os jovens de hoje terão de lutar por uma Pátria remoçada nos seus valores essenciais — liberdade, ordem, respeito mútuo, progresso; têm de ser dignos do passado belo que herdaram — continuando com o facho das virtudes da raça.

A Restauração surgiu em manhã de esperança com o imperativo duma vida nova. Esqueceram-se os ultrages e agravos, esqueceram-se os vexames e misérias e, todos unidos, se lançaram à conquista dum prestígio perdido. Era a Pátria que estava em causa. E a Pátria remoçou em gestas de glória, em novas páginas de feitos nobres.

A juventude de hoje não é menos generosa, menos audaz, menos patriótica, menos autêntica, que a de 1640. Será, por vezes, mais buliçosa, mais irreverente, mas mais sincera, mais autêntica. Na sua alma continua a circular o mesmo sangue lusitano deste povo de heróis e de santos. O que importa, apenas, é não dar ouvidos às vozes dos demolidores, dos vencidos ou dos vendidos aos sem pátria e lutar com decisão e amor por uma comunidade melhor.

Vivemos num Portugal que não necessita de Restauração — no pior sentido revolucionário — mas de evolução — uma decidida evolução nos caminhos do progresso social e do progresso moral — uma evolução na ordem e na paz, realizada por cada um de nós nas nossas vidas dignas e puras. Os jovens de hoje é que constituirão essa Pátria nova que se impõe!

Se a Pátria do presente é, afinal, o somatório das virtudes e da alma dos seus filhos, que melhor resposta poderemos dar aos que muito esperam de nós senão o testemunho belo do nosso viver e o sermos dignos dos heróis do passado e até do presente?

(Excerto da palestra pronunciada pelo Professor de Moral e Religião, Padre Adriano Simões Santo, na sessão comemorativa do 1.º de Dezembro de 1640, na Escola Preparatória Neutel de Abreu de Figueiró dos Vinhos).

Visita à Tipografia Figueiroense

No dia 26 de Novembro fomos à Tipografia Figueiroense, onde se imprime o jornal «A REGENERAÇÃO», para fazermos uma reportagem.

Fomos recebidos pelos tipógrafos que nos explicaram tudo.

Ora o jornal faz-se da seguinte maneira: primeiramente escrevem-se as notícias ou os artigos. Depois são levados a um senhor que é o encarregado de os corrigir, devidamente, que se chama o redactor. Lá os tipógrafos compositores que são José Carlos Mendes da Conceição Silva e Manuel do Carmo Domingos, compõem as palavras com os «tipos» que são as letras que estão por ordem alfabética dentro das caixinhas. Tiram as letras da caixa e colocam-nas no componedor que é aquilo que eles usam para as medidas do jornal.

No fim do componedor está cheio de tipo colocam tudo num galeão. No fim de terem o jornal composto paginam-no nas galés. Logo a seguir colocam uma folha de papel na água, põem tinta no tipo e vão buscar a folha e tiram uma prova. Enxugam a folha e levam ao tal encarregado de revistar para ver se tem alguma gralha. No fim voltam a trazer a prova, emendam as gralhas e colocam no mármore da máquina de impressão, com uma rama — que é aquilo que segura as letras e assim imprimem o jornal. O impressor é o sr. Jorge Manuel da Silva Simões. Depois de impresso é dobrado o jornal, são coladas as direcções dos assinantes e mandam o periódico para o correio. Todos os assina-

«Custa-me a crer que os homens tivessem ido à Lua»

— DISSE-NOS A TIA DEROTEIA

A Tia Doroteia é a mulher dos jornais da nossa vila de Figueiró. Todos os dias a vemos, velha, quase cega, alquebrada, a apregoar os diários. Dirigimo-



— nos a ela para lhe fazer uma entrevista, sendo muito bem recebidas.

— Há quantos anos vende jornais?

— Há 11 anos.

— Que tipo de jornais vende?

— Vendo o «Primeiro de Janeiro», o «Comércio», «Jornal de Notícias», do Porto, «O Século», o «Diário de Notícias», «Bola», e «Mundo Desportivo».

— Quantos têm que pagar o jornal «A REGENERAÇÃO» para ele poder viver.

A TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE tem 5 máquinas — 3 de impressão, uma de picotar e uma manual.

José da Silva Coelho

e

Manuel Martins da Silva

1.º Ano — Turma B)

— Até que horas vende jornais?

— Das 10 horas da manhã às 10 horas da noite.

— A que horas vende mais?

— Da 1 às 6 horas da tarde.

— Foi sempre cega?

— Não. Tive uma meningite.

— Aos quantos anos a teve?

— Aos dois anos.

— Gosta da sua profissão?

— Sim! Gosto.

— Antes de vender jornais o que fazia?

— Andava a pedir.

— Quantos anos tem?

— Faço 59 anos no dia 26 de Dezembro.

— Onde nasceu?

— Na Aldeia Fundeira — freguesia de Campelo.

— Acredita que foram à Lua?

— Custa-me a crer porque os mistérios de Deus ainda ninguém os decobriu.

— Como imagina a Lua?

— Penso que é um luzeiro que ilumina a noite, e o Sol outro que ilumina o dia.

— Tem medo dos tremores de terra?

— Sim! Muito.

— O que pensa deles?

— Julgo que são coisas determinadas por Deus e que qualquer dia vem um e morremos todos!

— Faz o comer em casa?

— Não, compro-o.

— Como se chama?

— Chamo-me Doroteia do Carmo Lopes.

Maria Luísa

Maria José

Manuela

Arinto

(2.º Ano-A)

DESSPORTOS

TORENO DE «FUTEBOL DE CINCO»

No passado dia 1 de Dezembro, realizou-se uma pequena festa, integrada nas Comemorações desse dia. Do programa fazia parte um Festival Desportivo em que colaboraram as equipas do 1.º ano-A, 1.º ano-B, 2.º ano-1.ª categoria e 2.º ano-2.ª categoria. O primeiro jogo foi disputado entre o 1.º ano-A e o 1.º ano-B.

As equipas alinharam da seguinte maneira:

1.º ano-A: Henrique, Joaquim António, Albano, Timóteo e Napoleão.

1.º ano-B: José Alberto, José Coelho, José Manuel, José Pires e Manuel Martins.

Resultado: 1.º ano-A, 2 e 1.º ano-B, 1.

Os golos foram marcados por Napoleão (2), pela turma A, e Manuel Martins (1) pela turma B.

Este jogo foi muito bem disputado.

O segundo encontro foi entre as duas equipas do 2.º ano. A vitória coube à equipa da 2.ª categoria. Este jogo não teve grande interesse, porque ambas as equipas jogaram mal. Como até ao final do tempo regulamentar não houve golos, o desempate foi feito por «penalidades». Cinco «penalties» para cada lado.

A primeira categoria só marcou um golo. A 2.ª categoria marcou três penalidades, visto já terem marcado dois golos, o que já os ditava vencedores.

As equipas alinharam:

1.ª categoria: António José, Manuel Esteves, José Paulo, José António e Álvaro Godinho.

2.ª categoria: Pinheiro, Carlos, Fernando Câmara, Fernando Clemente e José Manuel.

Os golos foram marcados por Manuel Esteves (1), pela 1.ª categoria, e Fernando Clemente (2) pela 2.ª categoria.

O terceiro e último encontro foi a final entre os dois vencedores: 1.º ano-A e 2.º ano (2.ª categoria). A vitória coube à equipa do 1.º ano-A. O golo da vitória foi obtido por Napoleão.

As equipas jogaram muito bem, principalmente a do 1.º ano-A.

Alinharam:

1.º ano-A: Henrique, Joaquim António, Albano, Timóteo e Napoleão.

2.º ano (2.ª categoria): Pinheiro, Carlos, Fernando Câmara, Fernando Clemente e José Manuel.

Finalmente, o vencedor do torneio foi a equipa do 1.º ano-A.

No final, os capitães das duas equipas foram à tribuna receber os prémios — duas belas taças de prata.

Jorge Lacerda



Legenda de Esperança!

Iniciámos confiadamente mais um ano escolar.

Nos nossos rostos jovens lê-se: entusiasmo, optimismo, alegria!

Que todos saibam compreender-nos e ajudar-nos!

